

O *quadrilho*: uma leitura histórica possível

Cecil Jeanine Albert Zinani*

A verificação das relações entre a obra literária e o contexto que lhe deu origem constitui um dos temas instigantes para o estudioso da literatura. A associação de texto e contexto foi contemplada por críticos que examinaram a obra como produto da superestrutura da sociedade, privilegiando a homologia da estrutura romanesca com a estrutura econômica e o paralelismo existente entre as respectivas evoluções. Goldman (1973, 1976 e 1979), cuja análise é fundamentada nos conceitos de Lukács e Girardi, propõe uma metodologia que tem como hipótese fundamental a idéia de que todo o fenômeno é formado por estruturas parciais que são inseridas em estruturas mais amplas, ou seja, a obra estaria inserida na época e na sociedade que lhe deu origem.

Considerando essa proposição, uma leitura de caráter histórico de *O quadrilho* (Pozenato, 1986) pressupõe o conhecimento de alguns elementos relativos à colonização italiana na região nordeste do Rio Grande do Sul, especialmente, em relação à atuação das mulheres e da Igreja.

O processo de colonização do Rio Grande do Sul tomou novo impulso com a chegada dos imigrantes italianos, a partir de 1875. Foram fundadas diversas colônias, entre elas Caxias, tornando-se pólos de um desenvolvimento tão rápido que, em poucos anos, a região toda estava ocupada e cultivada (Manfroi, 1975). A partir daí, estabeleceu-se um fluxo migratório constante até, aproximadamente, 1910, que ocupou rapidamente o território, multiplicando a população da Colônia. A inauguração da estrada de ferro, em 1910, marcou o início do desenvolvimento da indústria e do comércio da região.

Manfroi (1975) assinala a mobilidade do elemento italiano, atribuindo-a, parcialmente, ao espírito aventureiro e ao desejo de

* UCS.

mudar. Porém, os verdadeiros motivos dessa mobilidade foram o sistema de colonização com utilização predatória do solo (no que se assemelhava ao imigrante alemão) e o vertiginoso crescimento demográfico das antigas colônias, além das reduzidas dimensões dos lotes.

As propriedades relativamente pequenas aliadas a uma técnica primitiva que diminuía a produtividade do solo a cada colheita e à elevada taxa de natalidade obrigou o elemento itálico, rapidamente, a buscar novas terras. Uma instituição à margem da lei, o minorato, obrigava o filho mais velho casado a sair de casa quando o irmão mais novo casasse, e, assim, sucessivamente, até restar o último filho que se responsabilizava pelos pais e sucedia-os na posse e na administração da propriedade familiar (Santos, 1978). Devido a esse fator, muitos descendentes de imigrantes dirigiram-se às terras novas situadas no noroeste do Rio Grande do Sul.

O sucesso da colonização italiana pode ser atribuído a dois fatores: o trabalho de sol-a-sol de toda a família e o patrimônio cultural que o imigrante possuía. Pode-se afirmar que o habitante da Região de Colonização Italiana tinha na Igreja e na família os pilares de sua sustentação. A família numerosa e de característica patriarcal trabalhava unida na lavoura, forjando a prosperidade do chefe. De outro lado, o padre era o mediador e o árbitro incontestado dos problemas espirituais e temporais "Foi a reconstituição de seus valores culturais, centralizados em torno da religião católica, que permitiu, ao imigrante italiano, superar as dificuldades iniciais e fazer esquecer a terra natal" (Manfroi, 1975, p. 121).

Hohlfeldt, em *Desenvolvimento cultural na zona de imigração italiana* (1976), retoma aspectos relevantes, entre eles, a crença no valor do trabalho que, mitificada, contribuiu para o analfabetismo das gerações posteriores. Essa conduta possibilitou o desenvolvimento de uma tradição popular, eivada de superstições e dividida entre seus dialetos, logo, bastante propícia à desagregação, na medida em que houvesse contatos com outras etnias.

Sobre o trabalho, De Boni e Costa (1984) referem-se ao valor mítico e místico: "tornou-se a razão de viver dos indivíduos que, seguido, lamentavam o descanso do domingo por lhes parecer insuportável" (p. 85). Essa devoção ao trabalho possuía cunho ideológico uma vez que serviu para mascarar o fato de que o enriquecimento se deu para o negociante, devido ao trabalho do colono. Este continuou lutando pela vida e enfrentado, mais adiante, a proletarianização. Além de trabalhador contumaz, o colono era extremamente econômico, adepto incontestado da "economia fino al osso".

Na Região de Colonização Italiana, a escola esteve longe de gozar do prestígio e da consideração que desfrutava na região de colonização alemã. "Acontece que o colono não sabia, propriamente, o que fazer com a escola. Interessava-lhe a Igreja, centro de reorganização do mundo cultural, e não a escola, com suas noções teóricas alienadas" (De Boni e Costa, 1984, p. 88).

No aspecto político, De Boni e Costa (1984) assinalam que os italianos eram mais politizados que os alemães, uma vez que haviam vivido cinquenta anos de história europeia a mais. Além disso, alguns imigrantes deixaram a Itália por motivos políticos, por serem carbonários ou mazzinianos.

A organização social ocorreu em torno das capelas (a Igreja novamente). Cada linha ou travessão possuía seu pequeno templo, no princípio bem tosco e humilde, melhorado na medida em que houve possibilidades pela agregação do campanário e do cemitério. Muito mais importante que a escola era o salão paroquial. Na região colonial, o padre gozava de muito prestígio. E isso contribuiu para o elevado contingente de vocações religiosas que surgiram.

Azevedo (1975) assinala que o contato entre o imigrante e o integrante da sociedade local acontecia por intermédio de elementos estranhos ao país. Foi o caso de religiosos capuchinhos franceses. O processo de aculturação se intensificou, especialmente, na sedes dos núcleos devido ao dinamismo e à prosperidade das colônias que atraíram, em particular, os lusos. A assimilação foi um processo gradual no qual o imigrante e sua família aceitaram usos e costumes gaúchos.

O grau de assimilação é bastante diverso. Enquanto havia grupos fechados, especialmente na zona rural, existiam outros que iam sendo integrados à sociedade nacional. O comércio com outras regiões compelia-os a utilizar a língua nacional e a manter relações com pessoas de outros lugares. A maior assimilação ocorreu com os membros da camada mais elevada que se inseriram junto aos brasileiros. Havia, na época, a política de assimilação e naturalização, e os primeiros que a ela se ajustaram foram os sacerdotes.

A assimilação pelo casamento foi dificultada pelos estereótipos negativos que brasileiros e italianos possuíam a respeito uns dos outros. O italiano via negativamente e mulher brasileira que se fazia sustentar pelo marido, enquanto a italiana, além de cuidar da casa e dos filhos, trabalhava duro na roça. Por sua vez, o brasileiro achava que o italiano tratava a esposa como uma escrava. Além desse aspecto, o italiano exercia muito controle sobre as decisões

conjugais dos filhos. Essa interferência matinha a estabilidade da família tanto no aspecto econômico como cultural.

A problemática da assimilação evidenciou, em pouco tempo, a existência de dois tipos humanos de ascendência italiana: o urbano, mais aculturado, e o camponês, cujo status social era inferior ao primeiro. A formação das classes sociais, a partir do povoado, foi recompondo a relação hierárquica que o imigrante já possuía na Itália, como também caracterizou as relações existentes entre os estratos sociais no Brasil. Essa elite tendia a ser absorvida; porém, mantendo o orgulho de sua tradição (Azevedo, 1975).

A industrialização desempenha uma função muito importante na região de colonização italiana. Assim como ocorreu na região de colonização alemã, a industrialização deveu-se prioritariamente ao investimento na indústria do acúmulo de recursos monetários originados, em especial, do comércio. Esse investimento ocorreu inicialmente nos ramos vinícola, madeireiro, tritícola e de produtos suínos. Nos ramos industriais que exigiam maior tecnologia, ocorreu a associação do comerciante com o técnico imigrante recém-chegado. O artesanato também deu sua contribuição, transformando-se em indústria. Atualmente ocorre a renovação e reorientação do setor industrial para atividades ligadas ao novo padrão de acumulação econômica implantado no país.

Utilizando os dados históricos tentar-se-á verificar em que medida o romance *O quatrilha*, de José C. Pozenato,¹ atualiza ou transgride o contexto histórico que lhe deu origem.

O quatrilha é ambientado na região colonial de imigração italiana da encosta superior do nordeste do Rio Grande do Sul. Procura resgatar a difícil tarefa dos primeiros anos após o surto imigratório. O trabalho árduo, a falta de implementos agrícolas, a desassistência do governo qual havia patrocinado a sua vinda eram aspectos do cotidiano do imigrante e de seus descendentes. Porém, a vontade de vencer e de afirmar-se, aliada a um trabalho insano, acabam por projetar no colono descendente do imigrante a imagem de um vencedor.

A obra estrutura-se em torno de dois casais: Ângelo e Teresa e Máximo e Pierina. Ângelo Gardone e Máximo Boschini configuram os opostos, assim como Pierina e Teresa. Ângelo Gardone, alicerçado num tino natural para negócios, procura expandir os meios de produção e de transporte através de um sistema engenhoso de captação do dinheiro dos demais colonos, num simulacro

de agiotagem. Inicia, assim, a acumulação de capital que vai torná-lo um dos homens mais ricos de Caxias. Máximo Boschini, o seu antípoda, é um homem culto – ele lê o almanaque todas as noites –, cujos princípios éticos entram em rota de colisão com as idéias capitalistas de Ângelo.

As mulheres também evidenciam aspectos opostos. Teresa é uma jovem inteligente, alegre, gosta de passear e espera algo mais da vida; por isso sua insatisfação no casamento. Pierina, ao contrário, possui espírito prático, voltado para o dia-a-dia, cintura grossa e braços roliços, conhece o seu lugar e é excelente dona de casa. Pelas características das personagens, fica evidente a inadequação dos casais. A solução é a troca de parceiros, como no jogo do quatrilha.

Os dois casais moram juntos, devido à sociedade nas terras, como também no moinho. Essa proximidade deflagra o processo que vai unir Máximo e Teresa e determinar seu afastamento do local. Eles fogem para São Paulo, onde têm filhos e prosperam. Após a fuga de Máximo e Teresa, Ângelo e Pierina decidem permanecer em San Giuseppe e enfrentar a situação. O padre move uma campanha contra eles, ameaçando quem lhes prestar auxílio ou com eles fizer negócios. Apoiados pelo anarquista Scariot, arqui-inimigo de Ângelo, e pelo sócio Stchopa, conseguem reverter a situação, tornando-se ricos e respeitados.

O núcleo de *O quatrilha* é constituído pela questão ética. A diferença entre o certo e o errado, a honestidade nos negócios, a complexidade das relações matrimoniais, a integridade do clero são elementos que estão em busca de definições mais apropriadas do que as ditadas pelo moralismo e pelos costumes, envolvendo a discussão do maniqueísmo e sua intrusão na vida das pessoas.

O título de um texto, por sua própria natureza, é um lugar privilegiado. Estabelecendo um paralelo entre a obra – *O quatrilha* – com a norma – o jogo –, pode-se inferir que as relações entre os pares não serão estáveis, colocando em cheque uma das mais caras tradições do imigrante italiano: o casamento. Essa pressuposição vai ser confirmada pela epígrafe que reproduz uma das reflexões do padre Giobbe e que será desenvolvida posteriormente: “O quatrilha é um jogo demoníaco. Ele faz viver a tentação da infidelidade. Em cada mão de cartas é procurado um novo parceiro. Talvez esteja nisso o seu grande fascínio. O desastre acontece quando esse fascínio passa do jogo para a vida real.”

Padre Giobbe é uma das personagens do texto, cuja situação de mediador confere-lhe a posição de instância avaliadora. Instaura o processo através da comparação entre a norma que consiste

¹ POZENATO, José Clemente. *O quatrilha*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. Todas as citações foram retiradas dessa edição.

nos ensinamentos de teologia moral que obteve como seminarista na Itália, bem como na postura oficial da Igreja, repleta de dogmatismo, e a realidade que vivencia no dia-a-dia dos imigrantes, as suas dificuldades, os seus problemas.

A primeira interferência ocorre no casamento de Ângelo e Teresa celebrado pelo padre. As dificuldades manifestam-se nas coisas mais simples. O noivo atrasara-se porque não conseguira apanhar a mula que o levaria à igreja. O atraso irritou o padre, pois no seminário haviam-lhe ensinado disciplina. Chegar atrasado era falta de disciplina e necessitava de correção. Sua desaprovação manifestou-se num: "os senhores condes ficaram se enfeitando..." (p. 11). Sua irritação era maior, pois lembrava-se que poderia chegar tarde para o almoço que o esperava. Essa atitude do padre tipifica a situação da Igreja em relação ao colono, privilegiando a norma que determina o "como agir" sem levar em conta as circunstâncias e as possibilidades. Essa postura vai originar o conflito desencadeado mais adiante, por padre Gentile. O padre Giobbe, porém, distingue-se de seus pares e já, no início da história, introduz o espírito que vai dimensionar a sua ação mediadora; assim, ao lembrar-se dos noivos, mais tarde, acabou sentindo remorso.

A partir da perspectiva de Ângelo, o narrador faz o contraponto: Suas roupas velhas, o casaco que havia sido o do casamento de seu pai e, durante a cerimônia, a persistente recordação da morte da mãe, que fizera com que ele assumisse as obrigações da família, adiando por tanto tempo o seu casamento. Através da associação aparentemente incompatível entre casamento – início de uma nova vida – e morte, o narrador recupera a vida infeliz e trabalhosa que, mesclada ao rito do matrimônio, confere ao texto aspectos de tristeza e desânimo.

Para Teresa, o casamento era a concretização do ideal de moça. O fato de estar casada coloca-a em posição de igualdade com as outras mulheres. Está feliz, trazendo o marido pelo braço, após um noivado excessivamente prolongado, durante o qual viu as irmãs mais velhas e também as mais novas casarem-se. A perspectiva dos noivos é diametralmente oposta: enquanto Teresa está feliz porque atingiu o objetivo, Ângelo sente-se infeliz pois chegara atrasado, provocando irritação do padre, porque custava a entender o que o padre lhe dizia. Através da incompatibilidade expressa na cerimônia e que se torna mais evidente na vida em comum, o narrador passa a desenvolver o questionamento dessa instituição, a partir da adequação dos pares em relação ao ponto de vista moral. Ou seja, o quatrilha remete à troca de parceiros, consequente-

mente, quando os pares se revelam inadequados, o problema será uma questão de moral.

A Igreja é a detentora do poder de declarar o certo e o errado. O padre, como seu representante, precisa decidir e proclamar sentença. Como vivencia o conflito entre o dogma religioso e a realidade, vê-se envolvido com problemas que vão questionar a sua vocação, a vinda para a América e a necessidade de orientar o rebanho.

Padre Giobbe já havia celebrado muitos casamentos desde que aportara no Novo Mundo. Essas celebrações sempre lhe despertavam uma vaga tristeza. Essa avaliação se inscreve numa forma negativa. Justifica a tristeza por constatar que a alegria e a esperança que brilhavam nos olhos dos noivos seriam sufocadas pela vida dura e trabalhosa. Compadecia-se, sobretudo, das noivas: "...atraentes, risonhas como uma rosa desabrochada de manhã, que ele voltaria a ver daí a alguns anos, envelhecidas, feias, com o sofrimento e a resignação escondidos no fundo dos olhos tristes, revelado com lágrimas no confessionário" (p. 17). Numa sociedade machista, não deixa de ser bastante reveladora a atitude do padre que põe em relevo o ponto de vista feminino. Consta-se um paralelismo entre segmentos minoritários e discriminados e estabeleceu-se um pacto.

A atitude do padre coloca numa relação de conjunção o casamento e a infidelidade. Embora não seja estabelecida a relação de causa e efeito, o casamento como instituição sofre profundo abalo em seus fundamentos. A mediação é feita através da vida de sofrimento e de labuta árdua que constituía o cotidiano dos habitantes da colônia.

A indagação fundamental do padre consistia em saber qual a diferença entre o bem e o mal. Até que ponto o certo e o errado são diferentes e podem ser separados. E, nesta confusão, como orientar aqueles que precisam de conselho, de ajuda? Como qualificar de certas ou erradas as atitudes daquela pobre gente, que vivia esmagada pelo trabalho insano, pela incerteza do futuro? "[...] ele nunca tinha visto o bem e o mal separados. Andavam sempre misturados, a ponto de muitas vezes não ser possível distinguir um do outro" (p. 175). Essa união do bem e do mal é metaforizada pela gota d'água misturada ao vinho, fazendo com que o mal seja absorvido e purificado pelo bem. O padre chega à conclusão que os caminhos de Deus são muito tortuosos e que é muita pretensão de alguém achar que sabe a resposta. Anulando a dicotomia entre o bem e o mal, destaca-se a ambiguidade como fator positivo.

Essa inquietação entre o bem e o mal revela-se especialmente entre Teresa e Máximo. Já Ângelo é dotado de uma personalidade prática, para quem o certo e o errado estão delimitados por uma visão moralista e puritana: "Para ele, imoralidade era andar atrás de mulheres. Não eram o que os padres diziam?" (p. 130), logo agir como agiota era perfeitamente lícito e moral. Essa maneira de encarar as coisas cerceia a espontaneidade já na saída da igreja: "... Teresa trouxe as mãos deles aos lábios [...] Ângelo puxou o braço e lançou-lhe um olhar de repreensão" (p. 16). No dia seguinte ao casamento, quando visitavam a propriedade, ela tirou os tamancos e entrou no riacho ocasionando observação: "Melhor não... sempre pode ter alguém olhando" (p. 28). Essas situações associadas à decepção com a noite de núpcias deflagram o questionamento sobre o amor e o casamento, uma vez que: "Nunca se sentira tão sozinha como naqueles dois primeiros meses de casada" (p. 29).

A primeira avaliação do casamento parte de tia Gema: "A gente acha que depois de casar tudo fica bem: a casa só nossa, a galinha, a vaca de leite. Sem mãe para gritar, sem pai para bater. Sem ter que trabalhar como escrava para os irmãos [...] É quando a gente veste o vestido de noiva e entra na igreja, pensa que está entrando no céu. Mas o céu termina justo ali, isso eu garanto. É, ainda tem a festa. E então começa tudo, pior do que antes. Trabalhar, trabalhar. Trabalhar em casa, antes de nascer o sol, e depois trabalhar na roça" (p. 30 e 31).

A mentalidade prática de tia Gema entra em conflito com as idéias de Teresa sobre o amor, a atração sexual, as obrigações com o marido. Esse choque de opiniões vai evidenciar a atitude de busca exercida por Teresa para resolver o problema. O casamento não correspondeu às suas expectativas. Busca na tia uma palavra de apoio e de conforto, recebe revolta e amargura. A solução proposta pela tia é tão ingênua quanto inoperante: "nunca deixa o homem falar sem dar resposta, na hora. Se ele gritar, grita mais alto... não faz tudo o que ele pede" (p. 32).

Se a visita à tia foi equivocada no sentido de mostrar respostas, foi produtiva na apresentação do outro par: Máximo e Pierina. Máximo é sobrinho do padre Giobbe. Olhos azuis e bigode bem cuidado, anda de polainas brancas, paletó e gravata. Além disso, lê sempre o almanaque e tem modos refinados à mesa. Pierina, esposa de Máximo e prima de Teresa, constitui o oposto do marido. Cintura grossa, braços roliços, fala com a boca cheia e manda o marido calar a boca com uma cotovelada, usando a expressão: "não mete o nariz onde não é teu cocho" (p. 35). A observação de Máximo "A Teresa não tem nada que engordar. Está muito bonita

assim." (id., ib.), denota um princípio de interesse do rapaz por Teresa o que fica mais evidente pela discrepância existente entre ele e Pierina. Já se delineia que a adequação dos pares só será atingida quando houver uma troca de parceiros, como no *quadrilho*.

Além do casamento, é questionada a ação dos padres e sua interferência, visando manter o *status quo*. Tanto tia Gema quanto o padre Giobbe levantam a questão do pecado. Para tia Gema, o pecado é uma invenção dos padres, com nítida conotação machista, uma vez que o espírito cooperativista faz com que se apóiam e protejam uns aos outros. "São homens eles também" (p. 32). Com essa observação evidencia-se que o mundo está dividido em duas forças homens de um lado e mulheres de outro, sendo que os homens estão acertados para sujeitarem as mulheres a seus desejos. Com essa visão, tia Gema não poderia ver nada de bom no casamento.

Para o padre, o pecado é uma figura dos tratados de moral, escritos por alguém que imagina o mundo, sentado em seu gabinete, sem relação alguma com a realidade, e, dessa forma estabelece regras de conduta. Por esse motivo, considera a blasfêmia daquela pobre gente como uma prece às avessas, uma vez que estão se dirigindo ao ser que lhes pode dar algum alívio.

O narrador apresenta Teresa como um espírito revolucionário. Ela quebra as normas da casa ao falar durante as refeições. Estabelece relações amistosas com o sogro e com a cunhada e organiza um "filó". As ações de Teresa e, mais adiante, as de Pierina, colocam em relevo que a estruturação da sociedade colonial se dá em planos distintos. No plano manifesto estão os homens. São eles quem decidem e que tomam as atitudes, configurando uma sociedade patriarcal. No plano subjacente estão as mulheres. Elas planejam e criam situações para que as decisões tomadas pelos homens estejam de acordo com a vontade delas. Na realidade, as mulheres manobram os homens, premeditadamente ou não. Essa perspectiva do narrador é externada pelas opiniões fortes de tia Gema, pelo conjunto dos atos de Teresa e pela grande evolução que ocorre com Pierina no decorrer da narrativa, destacando a força e a importância das personagens femininas.

Ao se mudarem para Caxias, em busca de uma nova colônia, Ângelo e Teresa hospedam-se na pensão de um fabricante de armas chamado Roco. Roco é um homem de idade e gosta de conversar com Teresa, por ver nela uma pessoa sensível e inteligente. Através das opiniões que externa Roco vai colocando idéias em Teresa. Questiona o clero (a propósito da esposa): "foram os padres que fizeram ela assim [...] Agora me diz se não é para acabar

com a raça dos corvos" (p. 85); a sociedade local: "Todos falam de progresso, de pérola da colônias e isso e aquilo. Mas nunca vi terra de ladrões como essa, começando pelos padres" (id., ib.); o casamento: "[...] às vezes penso se o casamento também não é invenção deles. Quando se houve eles falar, parece que tudo que dizem é coisa mandada por Deus. Mas eu não sou estúpido, sei ler o evangelho. E eles por que é que não casam?" (id., ib.).

O moralismo, substituindo a honestidade e a caridade, aflora como valor negativo na atitude do padre Gentile que procura isolar Ângelo e Pierina por terem decidido permanecer na mesma casa e lutar por sua propriedade após a fuga de Teresa e Máximo. Invocando o pecado, o padre ameaça com maldições os colonos que fizerem negócios ou que mantiverem relações como casal. Padre Gentile tipifica o protótipo da idéias negativas expressas a respeito do clero. O farisaísmo manifesta-se de forma mais relevante em duas oportunidades. Primeiramente, quando Pierina leva os filhos à igreja e desafia o padre diante de toda a comunidade. Essa atitude faz com que ele retire o castigo que havia infligido ao casal. A segunda oportunidade ocorre, anos mais tarde, quando vai abençoar a luxuosa casa que Ângelo e Pierina constroem em Caxias, propondo-lhes que vivam como irmãos, a fim de poderem receber os sacramentos novamente. Resalva que, se houver tentações da carne: "Uma escorregadela ou outra, não faz mal... Para isso existe a confissão" (p. 206).

O narrador põe em cena o machismo masculino através de Pierina que reitera: "Isso são coisas para os homens resolverem." (p. 132). Se para Pierina o homem é o senhor que deve decidir e comandar, para tia Gema, sua mãe, ele desempenha um papel subalterno, uma vez que ela encarna a matriarca. Essa função diretiva e matriarcal acaba manifestando-se na própria Pierina, quando ela é compelida a enfrentar a nova vida: inicialmente, quando resolve viver na propriedade, depois ao ficar com Ângelo desafiando o padre Gentile. A avaliação correta foi feita por Scariot: "A Pierina é a mulher perfeita para um capitalista: trabalha e economiza, economiza e trabalha, feito uma formiga" (p. 125).

Teresa também é uma personagem forte. A insatisfação com o casamento, as conversas com Roco que a achava inteligente e o interesse por Máximo vão sedimentando sua personalidade e acabam por fazê-la tomar a iniciativa de procurá-lo no moinho para expor-lhe suas idéias. Ela premedita o encontro dos dois, tendo escolhido o local antecipadamente. Como pode ser observado as mulheres constituem o ponto central de toda a ação.

Em linha gerais, pode-se concluir que a obra *O quatrilho* retoma aspectos significativos das tradições da Região de Colonização Italiana e propõe questionamentos sobre instituições fundamentais como a Igreja e o casamento. Valores como o trabalho como gerador de progresso são enfatizados. No entanto, o prestígio e a ascendência da Igreja e do clero sobre as pessoas é desmistificado. Embora uma das personagens, o padre Giobbe ponha em evidência o verdadeiro sentido da religião, destacando a caridade, a justiça e a humanidade como valores a serem perseguidos, o padre Gentile demonstra uma atitude intolerante e hipócrita. O casamento também é questionado através da relativização entre o bem e o mal o que impede que o episódio protagonizado por Teresa e Máximo apresente a leitura simplificada de adultério. Através da análise desses elementos, percebe-se que nesse texto, eivado de ironia, houve uma tentativa bem sucedida de ajustar contas com segmentos significativos da sociedade.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Thales de. *Italianos e gaúchos. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1975.
- DE BONI, Luiz A.; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Caxias do Sul: EST, UCS, Correio Riograndense, 1984.
- HOHLFELDT, Antônio. Desenvolvimento cultural na zona de imigração italiana. *Anais do I e II Fórum de Estudos Italo-Brasileiros*. Caxias do Sul, Porto Alegre: UCS/EST, 1979.
- GOLDMAN, Lucien. *Crítica e dogmatismo na cultura moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.
- . *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- . *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1975.
- POZENATO, José C. *O quatrilho*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- SANTOS, José V. T. dos. *Colonos do vinho*. Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.